REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA E ALFABETIZAÇÃO

Natalícia Júlia Marques (PPGEdu/UFMT) nataliciajulia1@gmail.com
Mara Cristina Pereira (PPGEdu/UFMT) – mara.mariano14@gmail.com
GT 1: Culturas Escolares e Linguagens

Resumo:

A memória nos acompanha em todos os momentos, guardamos lembranças agradáveis, felizes, experiências desafiadoras, e assim por diante. Durante o processo de alfabetização são criadas várias memórias que podem ser de curto ou longo prazo. Assim esse artigo tem por objetivo discutir a memória no processo de alfabetização, visto que dependendo das concepções e práticas pedagógicas empregadas no processo que vai dar o tom para a memória dos alunos que em sua maioria as tem internalizadas no decorrer da vida adulta. A metodologia desse trabalho é de base bibliográfica se pautando teoricamente nos autores Le goff, Mortatti, Mizukami, entre outros. Foi aplicado um questionário aberto em uma amostragem de seis participantes onde eles expuseram suas memórias e subjetividade diante do processo de alfabetização. A alfabetização consiste na primeira experiência do aluno com o saber sistematizado criando suas memórias a partir de suas aprendizagens e interação com o professor e método de ensino, pois as memórias podem ser desafiadoras, alegres, e até mesmo não se tornar algo marcante dependendo do aluno.

Palavras-chave: Memórias. Alfabetização. Aluno.

1 Introdução

O processo de Alfabetização no Brasil tem passado por várias fases: o desenvolvimento de metodologias e de formas para conseguir alcançar o melhor meio do ensino de alfabetização, levando, assim, pesquisadores e profissionais da educação a se dedicarem a pesquisas de soluções viáveis para atender da melhor forma possível o nível de alunos alfabetizados e letrados.

Nesse contexto, observamos que as memórias estão presentes em todos os momentos, sendo elas agradáveis, felizes, ou mesmo desafiadoras, o fato é que ela nos segue por toda nossa existência. E é neste processo em que o aluno passa a reconhecer os sons relacionados com as letras e a compreensão entre objetos e a escrita que ele vai criando um vínculo com os professores e o ambiente que ele se encontra inserido.

Para Magda Soares (2011, p.49):

> A escrita é, para a criança, um sistema notacional porque, ao compreender o que a escrita representa a cadeia sonora da fala, não seu conteúdo semântico, precisa também aprender a notação com que, arbitrará e convencionalmente, são

> representados os sons da fala os grafemas e suas relações com os fonemas, bem como a posição desses elementos no sistema.

Durante o processo de alfabetização são criadas várias memórias que podem ser de curto ou longo prazo. Com o intuito de conhecer as memórias de alunos de diferentes idades foi aplicado um questionário aberto em uma amostragem de seis participantes onde eles expuseram suas memórias e a subjetividade diante do processo de alfabetização. A alfabetização consiste na primeira experiência do aluno com o saber sistematizado, criando, dessa maneira, suas memórias a partir de suas aprendizagens e interação com o professor e método de ensino, pois as memórias podem ser desafiadoras, alegres, e até mesmo não se tornarem algo marcante dependendo do aluno, porque mesmo passando pelo mesmo processo cada um age e sente o momento de forma diferente uns dos outros, dependendo da cultura e dos ambientes em que se encontram inseridos.

Assim devemos repensar as formas de abordagem ao alfabetizando para que esse tenha confiança e segurança no espaço de ensino e seus educadores, criando laços de amorosidade e respeito.

> É a convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade autonomia do educando. [...] A competência técnico-científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão do desenvolvimento do seu trabalho não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas. Essa postura ajuda a construir o ambiente favorável à produção do conhecimento onde o medo do professor e o mito que se cria em torno da sua pessoa vai sendo desvelados. É preciso ser aprender ser coerente. De nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável a mudanças. (FREIRE, 2013, p.12).

Dessa forma Freire nos adverte que temos a necessidade de possuir uma postura vigilante contra todas as práticas desumanas, adquirindo uma autorreflexão crítica e a leitura das nossas práticas frente a nossa postura ao estimular o individualismo e a competitividade.

2 Discutindo a memória

Quando discutimos a memória, são diversos os campos de saberes que apreendem os seus significados, tais como a neurociência, história, ciências sociais, entre outros. Pesquisadores nas áreas citadas concluíram que a memória é utilizada no processo da fala, da escrita e da capacidade de sempre aprender algo novo. Assim, a memória é essencial no processo de repensar, de refletir e de investigar a história, visto que é por meio dela que se

torna possível acessar as informações contidas em livros, histórias orais e escritas. Em suma, memórias que de alguma forma foram conservadas.

Le Goff (2003, p. 419) menciona que "a memória, como prioridade de conservar certas informações remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas". Diante disso, percebemos que a memória faz parte da trajetória humana, em toda sua existência, sejam fins intelectuais, laborais ou afetivos.

O estudo da memória é entendido como fundamental para no estudo do passado, conhecimento do presente, e transformação do futuro, assim constituindo a preservação dos saberes adquiridos, para evolução da humanização.

Quanto ao diálogo dos conceitos da memória e da história, faz-se necessário, pois não existe história sem memória, elas estão interligadas. Barros (2011, p. 317) afirma que "memória, na sua designação mais habitual, vulgar e cotidiana, corresponde muito habitualmente a um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, ou aquilo que um indivíduo representa como passado." Desse modo, as memórias estão relacionadas com as vivências, lembranças e marcos históricos que cada sujeito passa durante sua vida.

> Os psicanalistas e os psicólogos insistiram, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento [..] nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual. [...].
>
> O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento. (LE GOFF, 2003, p. 422.).

Em relação ao conceito da história, "a palavra se origina do grego (*istoria*) que significa a princípio, o investigador, o informante". (RODRIGUES, 1957 p. 29). E ao pensarmos a história como uma ciência, é razoável assumir que ela também é um conjunto de memórias individuais e coletivas, de uma comunidade, de uma nação e de um povo.

O processo de alfabetização está impregnado por memórias individuais, pois cada sujeito tem uma impressão sobre o seu período de alfabetização e o método que foi utilizado, porém, a partir dessas memórias individuais, são criadas memórias coletivas que fazem parte da nossa sociedade. Olhando para os métodos de alfabetização, nessa perspectiva, as memórias deixaram muitos registros ao longo das diferentes metodologias alfabetizadoras aplicadas.

3 Refletindo sobre os métodos de Alfabetização no Brasil

O processo de alfabetização acontece no início da vida estudantil dos alunos, durante esse período o aluno tem contato tanto com os professores quanto com os métodos de alfabetização. Esse é um momento permeado de memórias tanto do professor quanto do aluno.

Em um contexto histórico Mortati (2006) dividiu a alfabetização em quatro momentos distintos: o primeiro momento, datado em 1880, é marcado pelo uso do método contido nas cartilhas *João de Deus*, período pautado no método sintético, o qual passou a ser divulgado na região de São Paulo e Espírito Santo. No segundo momento, datado em 1890, as cartilhas de alfabetização continuaram em uso, porém o método abordado é o analítico. Em 1920, inicia-se o terceiro momento da alfabetização o foco é o uso dos métodos mistos ou ecléticos. No quarto momento, datado em 1980, tem a presença das cartilhas construtivistas, com foco no processo de aprendizagem da criança.

Conforme citado acima, a alfabetização no Brasil passou por momentos distintos e durante esses períodos teve abordagens diversas em sala de aula, visto que

De acordo com Rojo (1998, p. 66) “um método de alfabetização que leve em conta o processo de aprendizagem deve deixar um espaço para que o aluno exponha suas ideias a respeito do que aprende", valorizando assim os conhecimentos prévios dos alunos e o local onde estão inseridos se apropriando de elementos culturais para elevar a aprendizagem deles.

Mortatti (2000, p.298). Expõe que:

> A alfabetização se apresenta como o signo mais evidente e complexo da relação problemática entre educação e modernidade. Enquanto rito de iniciação na passagem do mundo privado para o mundo público da cultura e da linguagem, o ensino aprendizagem da língua escrita na fase inicial de escolarização de crianças se torna índice de medida e testagem da eficiência da ação modernizadora da educação contra a barbárie.
>
> No caso brasileiro decorrido mais de cem anos desde a implantação do modelo republicano de escola, temos ainda hoje (embora não somente aqui), como ponto consensual de debates e denúncias, o fracasso da escola em alfabetizar aqueles a quem acena com esse efeito.

Diante o mencionado acima a alfabetização no Brasil passou por momentos distintos. Nisso os alunos enquanto participantes desse processo foram formulando e consolidando suas memórias do processo de alfabetização.

A memória é subjetiva, pois, cada sujeito cria e guarda as memórias sobre suas vivencias, experiências, desafios e erros. Assim, toda situação que é vivenciada pelos sujeitos se torna memória às vezes podendo ser uma memória de curto ou longo prazo.

Nesse sentido, compreende-se que durante o processo de alfabetização os alunos criam suas memórias de caráter totalmente subjetivo e individual, mesmo as salas de aulas tendo em torno de 25 a 30 alunos, cada um vai criar suas memórias de maneiras diferentes.

De acordo Mizukami (1986), durante a abordagem tradicional a preocupação é com os conteúdos abordados, modelos para serem imitados, a relação entre professor e aluno é vertical, onde o professor detém o poder, nesse contexto, e o aluno não tinha voz ativa no processo de aprendizagem, esses pontos citados vão fazer parte da memória dos alunos.

Na abordagem comportamentalista o ensino consistia em moldar o comportamento dos estudantes com reforço positivo para os comportamentos adequados, ou modificar comportamentos considerados inadequados por meio da punição, para promover novos comportamentos podendo acarretar ações positivas ou negativas dependendo das experiências vivenciadas, elas vão compor as memórias dos mesmos (MUZIKAMI, 1986)

Na abordagem humanista o ensino é centrado no sujeito, a aprendizagem tem caráter significativo, ou seja, tem significado para o aluno como elementos da sua cultura e vivências. Diferentes das abordagens citadas acima, o professor agora é visto como facilitador da aprendizagem, o aluno é visto como participante de todo o processo, desenvolvendo, dessa maneira, seu processo de autonomia.

Refletindo sobre as abordagens e sobre a alfabetização, compreendemos que os alunos em seu processo de alfabetização podem ter acesso a métodos diferentes e, dependendo da abordagem do período em que estão no processo de alfabetização, vão construir suas memórias. Assim, os alunos alfabetizados durante a abordagem tradicional possuem memórias relativas ao período da alfabetização como o da abordagem comportamentalista e humanista que possuem compreensões diferentes em relação ao aluno e ao professor.

4 Memórias do processo de alfabetização

Refletindo sobre como as memórias do processo de alfabetização podem se tornar de longos prazos e os desdobramentos que isso pode trazer na vida escolar e pessoal desses alunos.

Os estudos apresentaram que a evolução da alfabetização é marcada por muitos questionamentos, que ainda na atualidade busca-se respostas, dentre elas, soluções para o fracasso escolar, consistindo na dificuldade do aprendizado de leitura e escrita de nossas crianças.

Foi aplicado um questionário aberto em caráter de amostragem com 6 participantes selecionados aleatoriamente para falarem um pouco sobre suas memórias da alfabetização. O questionário foi composto por quatro perguntas com os/as participante ficando à vontade para expor sua subjetividade. Os/as participantes da pesquisa terão seus nomes preservados, sendo mencionados no trabalho como P1, P2, P3, P4, P5, P6.

P1: pontuou “Sentimento de saudade, medo e insegurança, eu tinha acabado de mudar para a cidade, antes eu morava na zona rural, não entendia como funcionava uma escola, regras, disciplina e aprendizagem das letras”.

P2: “Não tenho sentimento nenhum”.

P3: “Período bom da minha vida era infância no Paraná, minha mãe estava em casa, logo em seguida, que fui para a escola, ela começou a trabalhar, então eu sentia muita falta dela, mas minha mãe me ensinou muita coisa em casa, já sabia o alfabeto, escrever meu próprio nome”.

P4: “Sentimento de gratidão porque foi minha tia e madrinha que ensinou a ler e escrever”.

P5: “Com seis ou sete anos, minha irmã mais velha e madrinha, foi minha primeira professora, na zona rural de Minas Gerais, nos anos 60.

P6:” Lembro com carinho, saudades”.

Em relação ao sentimento ao recordarem das respectivas alfabetizações, observamos que esse período é uma mescla de sentimentos e sensações que os alunos vivenciam de maneiras diferentes, visto que P1 sentiu amedrontada e insegura, P2, no entanto, não tem nenhum sentimento, já P3, P4 e P5 relacionam os sentimentos desse período com o laço familiar, tendo o primeiro contato com as letras através de um membro da família, P6 sente carinho e saudade desse momento.

O segundo questionamento foi: qual sua lembrança / memória mais forte desse período?

P1: “A memória mais forte vem das repreensões ao errar o reconhecimento das consoantes”.

P2:” Não tenho, não me marcou”.

P3: A vivência familiar, minha mãe em casa sempre. Ela estava no começo e a boa relação que eu tinha com meus irmãos, pois eu ia para a escola com eles”.

P4:” Foi quando eu consegui escrever a letra ‘D’ no maiúsculo e ficou perfeitinho conforme a minha irmã tinha colocado pra eu escrever, isso me marcou bastante porque ela me elogiou e eu fiquei superfeliz por ter conseguido fazer o ‘d’ da letra de ‘dado’ ”.

P5:” Família e amiguinhos da escola, caminhada, embornal de pano para levar a cartilha abecedário”.

P6:” A maior lembrança são os cartazes que mamãe fazia e pendurava com o alfabeto, cores, letras e imagens de objetos que começavam com cada letra embaixo”.

Na questão 2 questiona-se sobre a lembrança mais forte desse período: P1 foi a única memória participante que mencionou sofrer repreensões ao errar no processo de ensino, para P2 não há memórias desse período, P3, P5, P6 tem suas memorias muito próximas do contexto familiar com aprendizagem inicial em casa, além do ambiente escolar, para P4, a memória mais marcante foi conseguir realizar o desafio de escrever a letra “d” conforme foi ensinado.

A questão três: alguma memória do período da alfabetização positiva e negativa trouxe reflexos para sua vida adulta?

P1:” Reflete até hoje no momento de falar em público”.

P2: ”Não tenho”.

P3: “Memórias positivas tenho várias, negativa nenhuma; na vida adulta não consigo ter essa dimensão”.

P4:” Nesse processo de aprendizagem com essa minha irmã mais velha e madrinha, foi muito interessante, gratificante porque ela ensinou não só a mim e a meus irmãos todos os dias pela manhã e foi com isso que eu consegui entrar na terceira série quando fui estudar no colégio municipal rural. Com certeza para a vida adulta teve uma grande importância porque

foi um marco inicial o ensinamento dela, depois com isso entrei na terceira série na escola e depois dando continuidade e isso marcou no sentido positivo, gratificante de grande aprendizado, porque se não fosse por ela, ia retardar meu aprendizado para depois seguir no ensino fundamental e médio.

P5:" Memórias positivas e felizes".

P6:" Mamãe me alfabetizou em casa, quando fui para a escola já sabia o básico, com mais ou menos uma semana fui passada do CA para a primeira série".

Em relação a alguma memória o que trouxe reflexos para a vida adulta durante a alfabetização, P1 pontuou que pelas vivências na escola no momento que foi alfabetizada tem dificuldade de falar em público, P2 não internalizou nenhuma memória, P3 possui muitas memórias positivas, porém não sabe dizer sobre os reflexos em sua vida adulta, P4 compreende os ensinamentos da irmã/madrinha o marco inicial da sua vida escolar, P5 tem memórias felizes desse momento e P6 indica que seu processo de alfabetização em casa contribuiu para sua vida adulta.

Já a questão 4 investiga como foi o processo de alfabetização dos/as participantes com a questão: descreva como foi o seu processo de alfabetização.

P1:" Foi lento e muito doloroso pelas repreensões sofridas e castigos impostos pelos educadores para aqueles que não faziam as tarefas ou respondia errado; fui alfabetizada pelo método silábico".

P2:" Não sei descrever meu processo de alfabetização, pois não lembro, lembro apenas o nome da professora".

P3:" Eu fui ensinada no método do preconceito linguístico, muito presa a forma, aprender com cartilha, lembro também que brincava bastante".

P4:" Só positiva, porque para nós que morávamos no interior do interior aquilo era uma alegria na gente ir para o colégio, de eu saber ler e escrever, aquilo era uma alegria todo dia ir pra escola e a professora foi maravilhosa muito alegre, sempre com ensinamentos aí foi dando sequência a meus estudos, então o marco sempre foi positivo nada negativo".

P5: "Respeito, obediência, se não fazia a lição de casa ficava de joelho na frente da sala de aula, outro castigo era o uso de vara, não cheguei a sofrer nenhum castigo, mas outros alunos da turma sim".

P6: "Não respondeu".

Na questão 4 do questionário, os/as participantes descrevem o processo de alfabetização que tiveram: P1 considera que sua alfabetização foi lenta e dolorosa, P2 não soube descrever como foi sua alfabetização, P3 descreve que, apesar de brincar bastante, foi alfabetizada muito presa ao método, o que também pontuou P1, P4 expõe que suas memórias são positivas e que ir para a escola era uma alegria, já P5 não respondeu à questão.

Diante dos dados coletados percebemos que os processos de alfabetização de cada participante foram diferentes garantindo experiências e aprendizagens individuais.

Em relação às memórias, compreendemos que nossas experiências possuem um valor diferenciado para cada sujeito, pois enquanto o processo de alfabetização pode trazer marcas para a vida adulta do aluno, pode promover alegrias ao recordar desses momentos e também não significar nada específico depois de concluído esse processo.

5 Considerações Finais

Entendemos que o processo de alfabetização é uma das fases mais importante na vida estudantil do aluno, porque através das vivências a maioria deles internalizam suas impressões e saberes ao longo da sua existência, apesar de alguns não terem lembrança desse período.

Contudo quando a escola se mostra como um espaço acolhedor e prazeroso percebemos que as memórias são mais felizes, já para aqueles que viveram momentos desafiadores a insegurança e castigo físico se fazem presentes nas memórias que carregam consigo, mesmo na vida adulta ainda refletindo insegurança de expor suas ideias e ser repreendido.

As experiências internalizadas podem trazer benefícios, também contribuir como para um adulto sem pensamento crítico e reflexivo, por medo de expor sua opinião

6 Referências

BARROS, José D´Assunção**. Memória e história:** uma discussão conceitual. Revista Tempos Históricos, V. 15 N. 1 (2011). Disponível em: http://e-revista.unioeste.br/ Acesso em: 17 set. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática edutiva.45. ed.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

Le Goff, Jaques. **História e memória**. 5.ed. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Portal MEC, 2006.

_____. **Os sentidos da Alfabetização.** São Paulo: UNESP, 2000.

MIZIKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

RODRIGUES, José Honório. **Teoria da história do Brasil**: introdução metodológica. Editora Nacional, São Paulo – 1957. Disponível em: http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/451 Acesso em:

ROJO, Roxane. **Alfabetização e letramento**: Perspectivas Linguísticas. Mercado das letras. São Paulo. 1998.

SOARES, Magda. (2016). **Alfabetização:** A questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 377p.

KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.